



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

O Jornalismo de George Orwell

Carolina Costa Bastos

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

O Jornalismo de George Orwell

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social – Jornalismo.

Carolina Costa Bastos

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Costa

Rio de Janeiro

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

BASTOS, Carolina Costa.

O Jornalismo de George Orwell. Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo),
Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de Janeiro
– UFRJ.

Orientadora: Cristiane Costa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia O Jornalismo de George Orwell, elaborada por Carolina Costa Bastos.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 11/07/2019

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Costa
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ
ECO – UFRJ

Profa. Dra. Suzy Santos
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia
ECO - UFRJ

Profa. Claudia Montenegro
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela Puc-Rio
Puc-Rio

Rio de Janeiro

2019

BASTOS, Carolina Costa O Jornalismo de George Orwell. Orientadora: Cristiane Costa. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa tem como foco o trabalho jornalístico de Eric Blair, mais conhecido como George Orwell. O objetivo é fazer uma investigação, através de fatos relevantes sobre sua vida pessoal e carreira, da face menos conhecida do autor de livros de ficção. E, com isso, lançar luzes sobre o trabalho de um jornalista proeminente no seu tempo, especialmente nos textos relacionados à Segunda Guerra Mundial, mas ofuscado ao longo dos anos pela celebridade de seus romances.

Palavras-chave: george orwell; jornalismo; totalitarismo; crítica.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. ERIC BLAIR x GEORGE ORWELL

2.1. Eric Blair: como nasce um socialista

2.2. George Orwell – como nasce um escritor

3. A OBRA DE ORWELL

4. GEORGE ORWELL EM TEMPOS DE GUERRA

4.1. *The Observer*

4.2. A vez da Índia

4.3. Espanha oculta

4.4. O espírito da época

4.5. A França não é só Paris

4.6. O futuro de uma Alemanha arruinada

4.7. À beira do abismo

4.8. Como ia dizendo

5. CONCLUSÃO

6. BIBLIOGRAFIA

1 – Introdução

O escritor George Orwell (1903-1950), pseudônimo de Eric Arthur Blair, um proeminente romancista, ensaísta, jornalista e crítico inglês, viveu seu auge nas décadas de 1930-40. Ao longo deste ensaio será contextualizada sua infância, juventude e vida adulta, bem como seus livros publicados. O objetivo desse estudo é, no entanto, analisar os artigos e resenhas submetidos por Orwell ao jornal britânico “*The Observer*”, entre os anos de 1942-48, período em que trabalhou como colunista e resenhista no periódico.

Nascido em uma família de classe média, Blair teve a melhor educação formal que seus pais podiam lhe oferecer e, logo após terminar seus estudos, seguiu para Índia, onde trabalhou como policial a serviço do Império britânico. Após alguns anos de insatisfação pessoal, Orwell largou a vida tal qual como conhecia para aventurar-se no mundo, no sentido literal e literário. A partir de então sua formação política e moral começou a ser criada. Com dificuldades em aceitar modos de vida diferentes do seu, Orwell esforçou-se para compreender as diferentes questões e pessoas que conheceu ao longo de sua jornada. Seu empenho o transformou em um dos maiores críticos dos regimes totalitários do século XIX, seja por suas opiniões radicais e controversas ou por sua honestidade e moral, o nome de Orwell tornou-se conhecido tanto nos meios intelectuais de esquerda quanto de direita.

Sua resistência ao totalitarismo está preservada nos seus livros, artigos e ensaios. Neste trabalho será feito um estudo de caso dos textos organizados em “Literatura e Política: Jornalismo em tempos de guerra” (ORWELL, 2006). A coletânea é composta de resenhas e artigos escritos por Orwell durante o período da Segunda Guerra Mundial e o pós-guerra. Para fazer a análise serão usados outros livros do escritor como base para pesquisa e sua posição diante do assunto estudado, além do livro “A Vitória de Orwell”, de Christopher Hitchens e “Origens do Totalitarismo”, de Hannah Arendt. Os materiais usados na pesquisa incluem também trabalhos de mestrado sobre a obra não-ficcional de Orwell e seus ensaios.

O objetivo será analisar a veia jornalística do autor e a atualidade dos seus temas descritos. A dedicação Orwell, aliada com suas experiências anteriores, a guerra civil espanhola sendo a principal delas, justifica a necessidade deste estudo. A relevância dos artigos e resenhas se faz presente ainda hoje, não só na Inglaterra e em outros países europeus, mas também no Brasil. A escrita de Orwell, sempre objetiva, torna seus textos atemporais.

A avaliação de seus textos será feita, então, levando em consideração opiniões e atitudes do escritor e a crítica partirá das pesquisas e informações coletadas ao longo de toda a tese, chegando à questão final sobre a relevância dos textos publicados por Orwell e suas implicações na batalha contra o totalitarismo durante o período, assim como seu reconhecimento nos dias atuais.

O primeiro capítulo tratará desde o nascimento de Orwell na colônia britânica de Bengala até seus últimos dias internado em um sanatório para tratar uma pneumonia. Na primeira parte, fatos pouco conhecidos, como sua passagem por colégios de elite e o trabalho na polícia imperial serão contados em detalhes, uma vez que influenciaram seu desprezo a figuras autoritárias e a demonstrações de superioridade através da força. Seu período de mendicância em Paris e Londres também é detalhado, seguido do período mais significativo de seu caminho, a guerrilha na Espanha. Foram apenas alguns meses antes do seu retorno à Inglaterra, mas suficientes para mudar seu conceito sobre a esquerda revolucionária para sempre. Um material pouco lembrado, o livro de memórias sobre a guerra civil espanhola é uma fonte relevante sobre o que foi presenciado pelo autor, com grande significado para este trabalho.

Em seguida ao período no front, Orwell volta para Londres com outro pensamento e empenha-se em denunciar toda verdade acerca do que ocorreu na Catalunha, assim como o que estava acontecendo no mundo, mas era encoberto pela imprensa. Na segunda parte do capítulo, é descrita a transformação do Orwell escritor que hoje todos conhecem, do rapaz de “*lower-upper-middle-class*” ao homem que vivia entre mendigos e trabalhadores, até chegar ao autor de romances mundialmente conhecidos, como “A Revolução dos Bichos” e “1984”. A dualidade de seu pensamento, que o atormentou até o fim da vida, sua formação política e moral são alguns dos assuntos tratados aqui.

O terceiro capítulo aborda a produção, publicação e recepção da obra de Orwell. Alguns detalhes sobre os livros que publicou em vida e o contexto no qual estavam envolvidos enriquecem a discussão. Desde o começo Orwell já enfrenta obstáculos para publicar seu material, mas encontrou no editor Victor Gollancz um parceiro para suas publicações. Essa relação, no entanto, torna-se um pouco mais complicada quando Orwell engaja-se na escrita política e, conseqüentemente, muda o teor de seus textos. As dificuldades para encontrar editoras, as críticas e censuras que enfrenta devido ao conteúdo político de suas obras e o próprio julgamento sobre seu trabalho serão apontados no capítulo.

O capítulo 4 carrega a tese central da dissertação. Em sua primeira parte, é feita uma análise geral dos textos publicados por Orwell, além de limitar o material de pesquisa e contextualizá-lo. Na segunda parte começa o processo de estabelecer conexões entre sua vida e seu pensamento político, trazendo trechos dos artigos para ajudar na compreensão de sua obra.

Até alcançar a fama mundial e duradoura com os romances “A Revolução dos Bichos” e “1984”, Orwell publica um grande número de artigos, resenhas, críticas e ensaios, em sua maioria de cunho político, defendendo de forma simples e honesta seu ponto de vista. Mesmo com a fama de escritor, Orwell é também reconhecido por sua ética como jornalista. Alguns dos pontos abordados por ele não foram somente importantes à época em que foram publicados, mas aplicam-se a realidade de hoje, com críticas incisivas ao governo, ideologias políticas e a guerra.

Procuro então mostrar seu posicionamento sobre questões envolvendo eventos importantes dos anos 1930 e 1940 e apontar como Orwell manteve-se honesto e ao que acreditava. Com isso, busco ressaltar a grande relevância que sua obra não ficcional possui e sua atemporalidade, além do legado que seu trabalho como jornalista criou.

Dessa forma, mostrar a importância do escritor George Orwell no jornalismo, profissão pela qual raramente é lembrado, mesmo trazendo em sua escrita traços marcantes da redação jornalística, como a objetividade e clareza de discurso. O esforço é pela preservação da memória de Orwell não só como escritor de livros de ficção, mas também como jornalista.

2 - Eric Blair x George Orwell

Eric Arthur Blair era seu verdadeiro nome, mas foi com o pseudônimo George Orwell que construiu sua carreira como jornalista e romancista durante as décadas de 1930 e 1940. Nesse capítulo, sua história, desde a infância em colégios internos até o sucesso conquistado pouco antes de sua morte, é relatada com base em um livro de cartas pessoais e seus livros de não ficção.

2.1 – Eric Blair: como nasce um socialista

Eric Arthur Blair nasceu na cidade de Motihari, Bengala, na Índia, enquanto colônia britânica, em 1903. Sua família não desfrutava da mesma situação econômica que gerações passadas, mas tentavam manter a posição social. Seu pai, Richard Blair, trabalhava para o governo inglês no Departamento de Ópio do Serviço Civil Indiano, um dos meios de alcançar um trabalho estável e bem visto pela sociedade naquela época. No ano seguinte ao seu nascimento, sua mãe, ele e a irmã mais velha voltaram para a Inglaterra, onde fixaram residência. Orwell só voltaria a viver com o pai em 1912, quando ele retornou após sua aposentadoria, crescendo sob os cuidados da mãe e irmãs.

Sua família pertencia, segundo descrição do próprio Orwell, a “*lower-upper-middle-class*” algo como “alta classe média baixa”; segundo Trevas (2014) “O que parece uma incongruência revela, na verdade, um lugar muito bem definido no estamento inglês da época: a burocracia administrativo-financeiro-militar treinada desde cedo para perpetuar os valores do Império Inglês” (TREVAS, 2014, p. 15). Sua mãe priorizava sua educação a de suas irmãs, matriculando-o em internatos, que eram conhecidos pelo ensino privilegiado e de elite. A família não possuía os meios para pagar as taxas institucionais, mas, com a ajuda de seu tio, conseguiu uma bolsa de estudos para o colégio interno *Saint Cyprian's*. Orwell foi para lá em 1911, onde ficou pelos próximos cinco anos.

No ensaio “*Such, such were the joys*”, inspirado em seu tempo no colégio, Orwell descreveu a rigorosidade dos castigos e os privilégios concedidos aos alunos de classe alta. Ele odiava a escola, o método de ensino e a disciplina aplicados nos alunos, e, mesmo não sabendo que era bolsista, percebia que pertencia à classe mais pobre dos estudantes em razão do tratamento diferenciado recebido por professores, diretor e outros membros da escola.

Talvez fosse considerado permissível queixar-se aos pais sobre a comida ruim, uma surra injustificada ou algum outro tratamento cruel infligido por professores e não por colegas. O fato de Sambo jamais bater nos meninos mais ricos sugere que esse tipo de queixa era feito ocasionalmente. Mas em minha situação peculiar, eu jamais poderia pedir para meus pais interferirem em meu favor. Antes mesmo de eu entender o desconto na matrícula, compreendi que eles de algum modo deviam um favor a Sambo e, portanto, não poderiam me proteger contra ele. (ORWELL, 2011, p. 179)

A experiência na *Saint Cyprian's* é o primeiro encontro do escritor com um tipo de poder que se assemelha ao totalitarismo, exercido pelo diretor da escola (referido no ensaio como Sambo) e sua esposa. Eles tinham liberdade quase irrestrita em relação à educação dos jovens e abusavam de sua posição para tratá-los da maneira que os conviesse, sempre respeitando a hierarquia do dinheiro e não tendo que prestar contas a ninguém.

Ao finalizar seus estudos na *Saint Cyprian's*, Orwell seguiu para *Eton*, também com bolsa de estudos, onde ficou até 1921. Sua experiência na nova escola foi completamente diferente da anterior, sentindo-se mais feliz e interessado. Nessa época demonstrava mais interesse na escrita, com poemas e algumas publicações em revistas escolares, do que nas aulas em geral, tendo um desempenho abaixo do esperado. Com resultados acadêmicos não muito animadores, os pais de Orwell decidiram que ir para uma faculdade não seria a melhor opção para ele, uma vez que iria ter de conquistar novamente uma bolsa de estudos para frequentar qualquer instituição. Assim, foi decidido que ele iria alistar-se na Polícia Imperial, seguindo os passos de seu pai. Ele foi treinado para os exames de admissão, e passou em sétimo lugar.

Orwell chegou a Birmânia em novembro de 1922. Morando sozinho e com as responsabilidades do trabalho, ele era conhecido por sua discrição e postura solitária, sempre muito observador. Ao contrário de seus colegas, em seu tempo livre gostava de ler e engajar-se em atividades referentes à cultura local. Além disso, antes de deixar a colônia, “aprendeu hindi, birmanês e *shaw karen*¹, sendo capaz de conversar fluentemente em ‘birmanês altissonante’ com os sacerdotes birmaneses” (DAVISON apud ORWELL, 2013, p. 33). Essa interação do escritor com os costumes e pessoas locais é uma característica que se perpetua durante sua vida e em sua obra, principalmente literária.

Nesse período, observou como o poder é capaz de deturpar a mente daqueles que o exercem. Ele julgava em silêncio as ações de seus companheiros de trabalho, sempre prontos a

¹ Língua falada por povos das montanhas da Birmânia

infligir castigos físicos e penas de morte àqueles que contrariassem o regime. A extrema maldade com que os moradores locais eram tratados, a pobreza, a escassez de comida e requisitos básicos para uma vida digna, penetraram fortemente na mente do escritor, deixando-o decepcionado com sua pátria. A realidade dos fatos era tão expressiva que foi capaz de sobrepor-se à sua criação, seu preconceito contra negros e pardos e sua aversão aos pobres. Os ensaios “O abate de um elefante” e “Um enforcamento” são célebres por retratar com veracidade o que de fato ocorria na colônia, em uma época em que policiais e seus superiores comandavam a região sem grandes preocupações com a fiscalização da Coroa.

No ano de seu retorno à Inglaterra, ele contraiu dengue e voltou alguns meses antes do programado para casa. Durante sua licença, com a família em sua terra natal, Orwell percebeu o quanto o ambiente da colônia o estava fazendo mal. A Índia foi um local que trouxe a Orwell sentimentos conflitantes que aos poucos minaram sua estadia lá. Sem saber como lidar com pensamentos tão diferentes daqueles com que foi criado, ele rompe bruscamente com a sua realidade e vai à procura de uma nova vida e significados para ela, largando a Polícia Imperial e começando uma carreira como escritor.

Em 1927, o escritor vai para Londres dar início à sua vida literária. Lá, tem suas primeiras incursões nas áreas mais pobres da cidade, hospedando-se em alojamentos populares, vestindo trajes mais simples e adaptando-se sem ressalvas aos costumes e expectativas da classe trabalhadora. No ano seguinte, muda-se para Paris motivado pelo custo de vida mais baixo e ambiente boêmio, típico dos anos 1920 na cidade, com jovens aspirantes a escritor em busca de reconhecimento, mantendo o mesmo objetivo de pesquisa de Londres.

A princípio ele parte nessa empreitada com uma pequena quantia de dinheiro que juntou ao longo dos anos trabalhando na Polícia Imperial, mas, com o tempo, foi necessário encontrar outras fontes de renda para continuar com seu projeto. Por um período, Orwell obtém êxito trabalhando como jornalista, em parte para sustentar-se, e publica seis artigos no jornal francês “*Monde*”², tendo o artigo “Jornal por um vintém” traduzido para o inglês e publicado na “*G.K. 's Weekly*”³. Orwell, no início, assinava os textos com seu nome verdadeiro, Eric A. Blair, como era conhecido nos tempos de escola e na Birmânia.

² Jornal comunista com enfoque em política internacional e cultura (1928-35)

³ Publicação semanal que discutia política, cultura e assuntos socioeconômicos (1925-36)

Suas publicações de não ficção são, em grande parte, baseadas em episódios que realmente aconteceram com Orwell, como é o caso do livro “Na pior em Paris e em Londres”. É difícil, então, separar o que de fato aconteceu ao escritor e o que foi inventado para dar mais fluência à narrativa, mas uma coisa certa é o seu empenho para viver o mais próximo possível da realidade das pessoas com quem convivia. Seu tempo em Paris foi marcado por um grande período no qual trabalhava longas jornadas no “Hotel X”⁴, de onze a quatorze horas por dia. Nesse tempo, empenhou-se em descrever a vida miserável dos trabalhadores braçais e apontar os flagrantes presenciados nos bastidores dos lugares em que trabalhou.

Era engraçado observar aqueles lavadouros pequenos, imundos e pensar que apenas uma porta dupla os separava da sala de refeições. Do lado de lá estavam os clientes, sentados em todo seu esplendor [...]; e de cá, a menos de um metro de distância, ficávamos nós, em nossa imundície revoltante. Pois era mesmo uma imundície revoltante. Não havia tempo para varrer o chão antes do anoitecer, e deslizávamos numa mistura de água de sabão, folhas de alface, papéis rasgados e comida esmagada. [...] Havia somente duas pias, e nenhum lugar para se lavar as mãos, E não era incomum um garçom lavar o rosto na mesma água que enxaguava a louça limpa. Mas os clientes não viam nada disto. (ORWELL, 2005, p. 65)

No final de 1929, ele volta para a casa de seus pais, na Inglaterra. A vida do escritor no início dos anos 1930 em Londres foi pontuada por diferentes empregos, como tutor particular para jovens, professor em escolas da região em que morava e vendedor em uma livraria. Essa instabilidade, principalmente econômica, que o acompanhou até sua morte, o ajuda a conciliar suas expedições em meio aos mendigos e trabalhadores das regiões mais pobres com seu trabalho como escritor. Ao mesmo tempo em que dormia em hospedarias, trabalhava na colheita de lúpulo e vagava pela cidade com as pessoas que conhecia, Orwell, com a ajuda de amigos, tem seus textos publicados com frequência e, na mesma época, é apresentado a Leonard Moore, que se torna seu agente literário. A vivência como mendigo e lavador de pratos em Londres e Paris foi, em parte, uma tentativa de se distanciar da culpa que sentia pelo seu trabalho na Índia e as facilidades que sua classe social o proporcionou. Muitos autores de esquerda da época tentaram de formas semelhantes expurgarem sua culpa dessa forma, levando uma vida mais simples e tentando se igualar às dificuldades da classe trabalhadora.

Escrevendo regularmente para publicações inglesas como a “*Adelphi*”, “*New Statesmen*” e “*New English Weekly*”, Orwell começou também a publicar seus primeiros livros. “Na pior em

⁴ Nome do hotel foi mantido em sigilo pelo autor

Paris e Londres”, publicado em 1933, foi o primeiro trabalho a ser assinado com o pseudônimo George Orwell, pois não queria envergonhar sua família com suas histórias do tempo que passou vivendo como “vagabundo”. Essa foi também a primeira parceria de Orwell com o editor Victor Gollancz, apresentado a ele por Moore. Seu livro seguinte, “Dias na Birmânia” (1934), enfrentou algumas barreiras devido a sua postura crítica em relação ao Império Britânico, sendo recusado pelo editor. Nos dois anos seguintes, publicou os romances “A filha do reverendo” (1935) e “A flor da Inglaterra” (1936), com o Gollancz.

Após os resultados positivos obtidos com suas expedições entre mendigos e a classe trabalhadora, Orwell decidiu viajar para o norte da Inglaterra, que fora afetado pela crise econômica de 1929, seguindo a sugestão de seu editor e as histórias que ouviu sobre as condições de trabalho e a classe operária da região. Em 1936 deu início às suas viagens, a partir de Manchester, visitando diferentes cidades que tem como base centros indústrias e minas de carvão. Lá, visitou as casas das famílias que moravam e trabalhavam nesses locais, avaliando suas condições e salários, além de visitar as minas e as fábricas, conduzindo pesquisas sistemáticas a fim de avaliar o cumprimento das regulamentações de saúde e segurança exigidas nos ambientes de trabalho. Nesses meses, Orwell começou a se interessar por política e seus diferentes pontos de vista, assistindo a algumas reuniões do Partido Comunista e através de conversas com mineiros e trabalhadores que, em sua maioria, pertenciam a sindicatos.

Nesse mesmo ano, casou-se com sua primeira esposa, Eileen O’Shaughnessy e, pouco antes do Natal de 1936, Orwell viajou para Espanha para lutar ao lado do governo republicano contra a revolta militar promovida por Francisco Franco. Ele recorreu a um contato no Partido Trabalhista Independente (ILP) para obter um documento que o apresentasse na sua chegada em Barcelona e o iniciasse na luta armada local, estabelecendo o começo do seu vínculo com a organização. Orwell encontrou na Catalunha uma situação política muito mais complexa do que imaginava. Não eram simplesmente as forças republicanas ou o governo contra o exército de Franco, e sim uma eclosão de partidos e milícias com diferentes ideias e planos de ataque. No lado do governo, por exemplo, coexistiam três partidos conflitantes: o POUM⁵, a CNT⁶ e o PSUC⁷;

⁵ Partido Operário de Unificação Marxista

⁶ Confederação Nacional do Trabalho

⁷ Partido Socialista Unificado da Catalunha

compostos por trabalhadores sindicais, camponeses e outras pessoas militarmente despreparadas, além dos subgrupos afiliados.

Quando cheguei à Espanha, e durante algum tempo, não só a situação política não me interessava, como eu não tinha consciência dela. Sabia que havia uma guerra declarada, mas não fazia ideia do tipo de guerra. Se você me perguntasse por que ingressara na milícia, responderia: ‘Para lutar contra o fascismo’, e se você me perguntasse *pelo que* eu estava lutando, responderia: ‘Pela decência geral’. [...] A atmosfera revolucionária de Barcelona me atraía profundamente, mas eu não procurei entendê-la. (ORWELL, 2006, p. 204)

Orwell foi levado à Espanha por suas recém-descobertas ideias políticas e sabia qual era o lado certo nessa briga, mas, no entanto, ainda não possuía um pensamento político-ideológico definido. Através das indicações do ILP, Orwell alistou-se no POUM, de caráter marxista revolucionário, aliado do partido britânico. Quando chegou, a guerra civil já havia sido iniciada, em julho do mesmo ano, com breve vitória por parte dos trabalhadores. “Junto com a coletivização da indústria e do transporte, houve uma tentativa de estabelecer os rudimentos de um governo de trabalhadores” (ORWELL, 2006, p. 208). Assim, mesmo que de forma breve e irregular, a Catalunha vivenciou um período de igualdade sem precedentes.

Apesar de ainda não conhecer de fato a ideologia do partido pelo qual lutava, Orwell era um bom soldado, executava as tarefas sem maiores discussões, apresentava-se quando solicitado e respeitava a hierarquia do exército. Tudo o que um bom militar inglês é ensinado a fazer. Mas aos poucos ele percebeu como aquela atmosfera da Barcelona revolucionária havia afetado a cidade. Agora sob um regime socialista operário, não havia mais separação de classes, hierarquias ou privilégios. Mesmo com o incômodo inicial de Orwell em relação a um exército “sem regras”, onde todos se cumprimentavam por “camarada”, ganhavam o mesmo soldo e soldados contestavam ordens de seus superiores, ele aos poucos se acostumou e aprendeu a gostar da nova realidade e da simpatia espanhola.

Após algumas semanas de treinamento no quartel, Orwell foi enviado para o front de Aragão, onde ficou até abril. Ele ficou desapontado com o cotidiano nas trincheiras e impressionado com a falta de munição, armas, comida, lenha e outros itens que seriam essenciais em tais circunstâncias. Sua rotina era ficar de sentinela, comer, dormir e fazer a guarda novamente. “A milícia inteira agastava-se com a inação e vivia aos berros, tentando saber por que não nos permitiam atacar. Mas era perfeitamente óbvio que não haveria nenhuma batalha ainda por muito tempo, a menos que o inimigo começasse uma” (ORWELL, 2006, p. 57). A monotonia do front

fazia Orwell sentir-se completamente inútil em relação à guerra, afinal ele fora para lá para lutar e ajudar os espanhóis a derrotar os fascistas.

No período em que ficou no front, com homens de diferentes nacionalidades e classes sociais, Orwell começou a entender melhor as diferentes ideologias que surgiram em Barcelona e como cada um se comportava. Para ele o mais surpreendente, no entanto, era o respeito que seus companheiros de partido tinham em relação à crença de cada um e suas opiniões políticas, pois, assim como Orwell que entrara no POUM por acaso, havia outros homens que também não compartilhavam integralmente a visão do partido.

Depois de quatro meses, algumas lutas e disputas ocasionais e uma internação por conta de uma infecção na mão, Orwell retornou para Barcelona. Cansado do dia a dia nas trincheiras e querendo participar ativamente das batalhas, ele voltou decidido a ir para Madri, onde os combates estavam a todo vapor. Para isso, teria que ingressar na Coluna Internacional e, mesmo não gostando muito dos comunistas, ele ainda os considerava aliados na guerra contra Franco. Assim que pisou na cidade novamente, ele percebeu a mudança brusca que ocorrera na atmosfera social durante o tempo que havia passado fora. Ele diz:

Todos que fizeram duas visitas a Barcelona durante a guerra, com intervalos de meses, comentaram sobre as mudanças extraordinárias que aconteceram por lá. E muito curiosamente, se eles foram primeiro em agosto e depois em janeiro, ou, como eu, primeiro em dezembro e depois em abril, o que diziam era sempre o mesmo: que a atmosfera revolucionária tinha desaparecido. [...] Agora a maré virara. Mais uma vez, era uma cidade comum, um pouco estiolada e desgastada pela guerra, mas sem nenhum sinal externo de predominância da classe trabalhadora. (ORWELL, 2006, p. 110)

Orwell começou a fazer os preparativos necessários para alistar-se no outro partido, mesmo tendo presenciado a transformação de Barcelona. Como ainda tinha uma semana de licença do POUM e com a saúde um pouco fragilizada pelas condições adversas do front, ele decidiu deixar as providências definitivas para depois. Além disso, esperava aproveitar um pouco de seu tempo na Espanha com Eileen, que estava desde o início do ano hospedada em um hotel da região. Esses contratempos foram cruciais para que o escritor permanecesse em Barcelona, ainda ligado ao POUM, e estivesse presente quando as batalhas das Jornadas de Maio foram deflagradas. A essa altura, a guerra civil espanhola estava dividida entre as forças fascistas comandadas por Franco, apoiado pela Alemanha e Itália, as forças revolucionárias, em sua maioria anarquistas e socialistas e o governo espanhol, agora apoiado pela URSS, representado pelo partido Comunista local. O

embate nas ruas de Barcelona foi iniciado pelo próprio governo, gerando um atrito com a CNT e os demais partidos que o apoiava.

Orwell passou a maior parte das jornadas de maio no telhado de um prédio, com seu fuzil, observando a movimentação. O auge das batalhas ocorreu nos primeiros dias, depois se tornou muito parecido com o tempo que ele havia passado no front, mas com um pouco mais de conforto. Ocorrido na primeira semana de maio, o conflito foi significativo para Orwell compreender a dinâmica política que dominava Barcelona à época e como a mídia podia ser corrompida em tempos de guerra. “Depois da luta – mais especificamente, depois da troca de insultos nos jornais – ficou difícil pensar nesta guerra da mesma maneira totalmente ingênua e idealista de antes”. (ORWELL, 2006, p. 151)

Com o fim das batalhas de rua, Orwell foi abordado por membros do partido Comunista para realizarem sua transferência, ao que ele respondeu em negativa, partindo novamente para o front de Aragão lutar ao lado do POUM. Apenas alguns dias após sua chegada, foi atingido por um franco-atirador fascista. Uma bala atravessou seu pescoço. Nesse período havia perdido o movimento do braço direito e sua voz estava praticamente inaudível. Os médicos disseram que por pouco a bala não atravessara sua artéria principal e foi declarado inapto para serviço militar. No entanto, os diagnósticos e suposições dados a ele não o preocuparam por muito tempo, afinal Orwell (2006) considerava toda a experiência de ser atingido por uma bala muito interessante.

Nas semanas seguintes, enquanto repousava e recuperava-se de seu ferimento, Orwell sentia que a atmosfera de Barcelona estava cada vez mais distante daquela que havia encontrado em dezembro, “uma atmosfera de suspeita, medo, incerteza e ódio velado. As batalhas de maio tinham deixado sequelas permanentes”. (ORWELL, 2006, p. 166). Em meados de julho, o cenário político começou a se deteriorar e o POUM foi cassado, acusado de ser filiado a organizações trotskistas⁸. Orwell e seus colegas caíram, então, na ilegalidade, tendo que vagar pelas ruas enquanto arranjavam os documentos necessários para sair da cidade. Após ter o seu quarto de hotel revistado e descoberto que grande parte de seus companheiros estavam presos em péssimas condições em cadeias superlotadas, ele passou a temer por sua segurança e de sua esposa.

“Eu não era culpado de nenhum ato em particular, mas era culpado de ‘trotskismo’. O fato de ter servido na milícia do POUM já era o bastante para me meter na prisão” (ORWELL, 2006, p. 182). Em 23 de junho de 1937 ele conseguiu fugir com Eileen e mais dois amigos em direção à

⁸ Termo em referência as pessoas que apoiavam Leon Trotsky, inimigo de Josef Stálin

França, onde ficaram na pequena cidade de Banyuls-sur-Mer por alguns dias antes de retornarem à Inglaterra.

Ao retornar à sua antiga residência no interior da Inglaterra, Orwell dedicou-se a escrever seu livro sobre a Guerra Civil Espanhola e cuidar da casa e de seus animais. Sua saúde agravara-se no início de 1938, sendo diagnosticado com tuberculose. Depois de mais de seis meses internado, ele partiu em viagem ao Marrocos francês para fugir do inverno na Inglaterra, instalando-se em uma casa de campo próxima à Casablanca.

O livro “Lutando na Espanha”⁹ (1938) é publicado pela editora Secker e Warburg, após ter sido rejeitado por razões políticas por Gollancz. Durante sua estadia no continente africano, Orwell escreveu “Um Pouco de Ar, Por Favor!” (1939), voltando a publicar com seu antigo editor. “Devido a esse maldito negócio da saúde, tive o que é praticamente um ano perdido, mas o longo repouso me fez bem e estou escrevendo um novo romance, enquanto há um ano, após aquele terrível pesadelo na Espanha, pensei seriamente que jamais seria capaz de escrever um romance outra vez” (ORWELL, 2006, p. 198)

Ao voltar para Inglaterra, Orwell continuou a escrever e, no fim do ano, lançou sua primeira coleção de ensaio, “Dentro da Baleia” (1939). Mas a eclosão da Segunda Guerra Mundial em setembro do mesmo ano o deixou com um grande sentimento de frustração. Não somente pela experiência vivida na Espanha, mas também por causa dos esforços fracassados em contribuir de forma ativa na defesa dos Aliados. Sua esposa conseguiu um emprego no Departamento de Censura do governo, enquanto ele contribuía com seus textos. Um tempo depois, para sua satisfação, conseguiu ingressar na Guarda Interna, onde serviu ativamente como sargento instruindo jovens recrutas.

No início dos anos 1940, Orwell contribuiu ativamente com críticas de peças, filmes e livros para publicações inglesas, dentre elas o “*Tribune*”, jornal independente com o qual manteve um vínculo duradouro. Em seu mais prolífico período no jornalismo, ele publicou inúmeros artigos políticos em diferentes meios de comunicação, todos de orientação de esquerda socialista, incluindo a revista americana “*Partisan Review*”. Além disso, foi convidado a produzir um programa de rádio para a BBC voltado para o público indiano. Ele fez questão de garantir liberdade em seus roteiros, com a criação de programas culturais, onde além de contra-atacar a propaganda

⁹ Também conhecido como “Homenagem à Catalunha”

nazista, ele teve a oportunidade de realizar uma revista radiofônica literária, que contou com a participação de diversos escritores proeminentes da época.

Orwell trabalhou arduamente na BBC [...] A ideia da propaganda de Orwell era transmitir programas educacionais e culturais. Muito antes da Universidade Aberta, ele promovia cursos baseados nos programas das universidades de Calcutá Bombaim de literatura, ciências, medicina, agricultura e psicologia, contando com palestrantes notáveis com T.S. Eliot, E.M. Forster, Joseph Needham, Ritchie Calder e Gordon Childe. (DAVISON apud ORWELL, 2013, p.227)

Depois de dois anos de trabalho para a BBC, pediu demissão para focar na escrita de um novo romance (que viria a ser “Revolução dos Bichos”) e logo após começou a trabalhar como editor de literatura do jornal “*Tribune*”. Ele fez parte do expediente durante dois anos e continuou contribuindo com artigos para as outras publicações. Mesmo sentindo-se “sufocado pelo jornalismo” (ORWELL, 1946), Orwell começava a se tornar um nome respeitável no círculo social da esquerda, tendo alguns de seus mais célebres ensaios sido publicados nesse período.

Em 1944, ele terminou de escrever “Revolução dos Bichos” e entrou com um processo de adoção junto com sua esposa Eileen. No fim do ano, a família mudou-se para uma nova casa no interior, saindo da confusão de Londres, junto com o filho, Richard Blair, após bombardeios e ameaças de novos ataques. Em fevereiro de 1945, recebeu uma proposta para trabalhar como correspondente de guerra pelo jornal “*The Observer*”, e foi enviado a Paris. Orwell ansiava por uma oportunidade como essa desde que foi vetado pelos médicos a participar de qualquer ação de guerra por conta de seu estado de saúde frágil. Com sua mulher e filho em segurança na casa de parentes, ele partiu em viagem para cobrir os acontecimentos nos locais que foram ocupados pelos Aliados.

Algumas semanas após sua partida, Eileen foi diagnosticada com tumores no útero, e faleceu em decorrência da anestesia, em 29 de março. Ele voltou de viagem rapidamente para cuidar de tudo, especialmente seu filho, mas retornou logo em seguida para se enterrar no trabalho. Em maio, com o fim da Segunda Guerra Mundial, ele voltou para casa e, após uma série de desencontros devido ao seu conteúdo e crítica, que atrasaram o lançamento, estava tudo pronto para a publicação de “Revolução dos Bichos” pela editora Secker e Warburg, em agosto do ano seguinte.

O livro lançado no recente clima do pós-guerra foi um grande sucesso, o primeiro na carreira de Orwell, e o tornou conhecido no meio literário. Mesmo concentrado no trabalho,

publicando artigos de forma intermitente para os jornais “*Observer*”, “*Tribune*” e “*Manchester Evening News*”, Orwell alugou uma quinta na ilha de Jura, onde se isolou da correria de Londres, junto com seu filho e irmã, para escrever seu próximo romance, “1984”. Atolado em trabalho graças ao status de escritor famoso, ele também teve que lidar com a briga pelos direitos autorais de suas obras, devido a um contrato que havia assinado com Victor Gollancz. Orwell queria ter liberdade de entregar seu próximo romance a alguém que compartilhasse e entendesse sua visão política. “Obviamente, é melhor se eu puder ficar completamente com um editor e, como não creio que eu vá parar de escrever sobre política de vez em quando, receio que surjam mais diferenças, como no passado. Você sabe qual é a dificuldade, ou seja, a Rússia”. (ORWELL, 2013, p. 345)

Em 1947, enquanto escrevia seu último romance, Orwell dividia seu tempo entre o filho, a escrita e hospitais. Com a saúde cada vez mais debilitada, e pouco se esforçando para poupá-la, foi internado dias antes do Natal, diagnosticado novamente com tuberculose. Passou seus dois últimos anos entre a ilha de Jura e internações, enquanto acompanhava de longe o crescimento de Richard, por medo de infectá-lo com sua doença, e lutava para terminar a redação de “1984”. Em junho, este que foi seu último livro, foi publicado e recebeu elogios do público e crítica. Alguns meses depois, casou-se novamente, com Sonia Brownell. Ele chegou a planejar uma viagem para a Suíça, em busca de outros tipos de tratamento, mas faleceu por conta de uma hemorragia no pulmão em 21 de janeiro de 1950, aos 46 anos.

2.2 George Orwell – como nasce um escritor

George Orwell foi criado em uma família de classe média inglesa, ligada ao colonialismo britânico na Índia. Os colégios em que estudou tinham uma formação acadêmica e social fortemente vinculada ao patriotismo e dever cívico, e os colocava em prática de modo que cada aluno soubesse seu lugar na sociedade. Assim sendo, Orwell percebeu desde cedo os diferentes estratos sociais existentes, e, com a doutrinação imposta nas escolas, tentou se encaixar da maneira como lhe era exigida. De acordo com as regras impostas a cada grupo da sociedade do início do século XX, ele já tinha todo o seu futuro planejado, cabendo poucos desvios no caminho.

Em Burma, Orwell tentou se adaptar aos diferentes costumes tanto dos nativos quanto dos oficiais ingleses. O comportamento dos dois grupos lhe era muito estranho, o primeiro por tratar-se de uma nova língua e cultura, enquanto o segundo era impaciente, intolerante e totalitário na

forma com que tratava os indianos. Em sua primeira grande viagem sozinho, Orwell aprende por si próprio as responsabilidades da vida adulta e, longe dos pais e do ambiente em que foi criado, começa a observar o que acontece ao seu redor com mais atenção e menos influências externas.

Sob o comando das forças imperiais, ele encontrava-se em constante batalha interna, que envolvia seus valores ingleses, seu cargo na Polícia Imperial e as desigualdades presenciadas no local. “Essa animosidade e confusão em seu íntimo não se traduziam de modo algum em simpatia pelos ‘nativos’, e quando eram sentidas com suficiente intensidade transformavam o trabalho de Orwell em uma tortura” (HITCHENS, 2010, p. 27). Apesar de ter dificuldade em aceitar os indianos como iguais, muito devido à cor da pele, aos poucos, o escritor percebeu o quanto o sistema imperialista imposto àquelas pessoas prejudicavam tanto o crescimento individual dos cidadãos quanto o econômico do país.

Após quase cinco anos trabalhando em Burma, Orwell demitiu-se da polícia, quebrando com as expectativas do caminho que havia sido imaginado para ele. Cansado da realidade em que se encontrava, ele resolve largar o posto que, mesmo provendo segurança financeira, lhe causava um desgaste emocional muito grande, uma vez que tudo o que realmente pensava sobre o regime local não podia ser expresso como gostaria. Ele temia ser dominado pelo efeito inebriante que o poder é capaz de exercer sobre um homem. Assim, resolveu deixar tudo para trás e seguir seu antigo desejo de tornar-se escritor.

Tal decisão mostrou o quanto Orwell estava farto de seu trabalho e o quanto ansiava por novas oportunidades. Nos ensaios “Um enforcamento” (1931) e “O abate de um elefante” (1936), escritos alguns anos após seu retorno a Inglaterra, ele fala sobre as experiências reais enfrentadas por ele na Índia. Em uma análise feita alguns anos após sua partida da Índia, ele pôde observar com mais clareza a verdadeira natureza de seus sentimentos.

[...] naquela época eu já tinha concluído que o imperialismo era algo maligno e que quanto antes eu renunciasse ao emprego e saísse dali, tanto melhor. Na teoria — e, claro, no íntimo — eu era a favor dos birmaneses e contra os opressores, os britânicos. Quanto ao trabalho, eu o detestava mais profundamente do que talvez seja capaz de expressar. Os infelizes prisioneiros que se comprimiam nas fétidas celas das prisões, os rostos pardos e assustados dos condenados a longo prazo, os traseiros marcados com cicatrizes dos homens açoitados com bambus — tudo isso me oprimia com uma sensação de culpa insuportável. Mas eu não conseguia ver as coisas com discernimento. Era jovem, mal informado e tinha de pensar em meus problemas no silêncio total imposto a todo inglês no Oriente. (ORWELL, 2005, p. 32)

Nos anos que seguiram sua renúncia ao cargo de policial do Império, Orwell passou a dedicar-se ao jornalismo e novas experiências junto às classes trabalhadoras, que se tornaram material importante para seus primeiros romances e livros de não ficção. Os artigos que escrevia para jornais, no início, eram apenas uma forma de prover por suas aventuras em Paris e Londres, mesmo que alguns deles tivessem um cunho político-social. Seu primeiro artigo é publicado em francês, no jornal “*Monde*”, sob o título “*La Censure en Angleterre*”¹⁰ e, das seis publicações deste período, somente uma foi traduzida e publicada na Inglaterra, “Jornal por um vintém”.

No período que antecedeu sua participação na guerra civil espanhola, a vida da classe trabalhadora e dos mendigos das duas grandes cidades despertou cada vez mais seu interesse. Em suas peregrinações, Orwell descobriu um pouco mais das dificuldades da vida, diferentes daquelas que teve de suportar na Birmânia, despertando seu olhar mais humano e realista dos fatos. Essas experiências refletiram-se nos romances escritos por ele, sempre pessimistas, com personagens, em sua maioria ou em algum ponto da história, vivendo sordidamente, em meio a imundície e desconforto. Todas as fases marcantes de sua vida – o internato, Birmânia, Paris e Londres, Espanha – culminaram nesse resultado.

O primeiro trabalho em que assinou como George Orwell foi seu livro “Na Pior em Paris e em Londres” (1933). “Quanto a um pseudônimo, o nome que sempre uso quando vagabundeio etc. é P.S. Burton, mas se o senhor acha que não parece um tipo de nome provável que tal Kenneth Miles, George Orwell, H. Lewis Allways. Acho que prefiro George Orwell.” (ORWELL, 2013, p. 59) Uma das razões pelas quais o escritor escolheu utilizar um pseudônimo para assinar seus textos deveu-se ao fato de que “lhe dava uma sensação desagradável ver seu nome real impresso”, confessado por ele ao amigo Sir Richard Rees, que dividiu essa informação com os ouvintes da rádio BBC durante uma entrevista em seis de julho de 1958 (ORWELL, 2010). A partir de então passou a ser conhecido no meio literário pela sua alcunha.

Sua decisão de seguir para a Espanha foi apressada, motivada pelo que acreditava ser “decência comum”¹¹ lutar contra os fascistas. Seu período em Barcelona foi um dos mais significativos de sua vida, principalmente em termos de consciência política. Orwell chegou ao país sem muita certeza do que iria fazer e até mesmo o que o levara até lá. A princípio tinha

¹⁰ Tradução: “A censura na Inglaterra”

¹¹ No original, “common decency”. “É um conceito de Orwell sobre as características atribuídas à classe trabalhadora que seriam necessárias a uma sociedade revolucionária” (TREVAS, 2014, p. 23)

pensado em escrever artigos para a imprensa, mas rapidamente ingressou na milícia, pois ansiava uma participação mais ativa em todo aquele processo. A atmosfera da Catalunha o deslumbrou em todos os sentidos e, apesar da dificuldade inicial de se adaptar a um regime socialista e modos sociais distintos do que estava acostumado, Orwell teve ali a certeza de que o socialismo era a doutrina política correta a se seguir.

Nesse tempo, manteve anotações e diários de suas experiências, mas durante os meses que passou na Espanha dedicou-se inteiramente a luta armada. O convívio com os camaradas no front mudou o modo de pensar de Orwell, a uniformidade na hierarquia do exército, a simpatia e força dos espanhóis e o curto período que vivenciou a existência de uma sociedade igualitária fizeram com o que ele repensasse a maneira com que encarava a vida na Inglaterra e suas experiências passadas. “[...] é somente com a participação nas milícias populares espanholas que ele então formulará claramente suas orientações ideológicas e estéticas, iniciando sua maturidade política e literária” (POLITO apud ORWELL, 2006, p. 12).

Os dois grandes momentos na formação política de Orwell foram os anos em que passou na Índia, convivendo com um poder arbitrário e uma população subjugada, e na Espanha, onde viu de perto os verdadeiros interesses dos ideais que achava certo defender. A partir de 1937, ele investiu em artigos e ensaios políticos em que falava abertamente sobre suas opiniões e denunciava os horrores, censuras e hipocrisias da direita totalitária e do partido comunista. Seus dois últimos livros de ficção, escritos nessa nova fase, são altamente críticos, o primeiro (“Revolução dos Bichos”) do Stalinismo e seu líder, enquanto o segundo (“1984”) do totalitarismo. O Orwell que chega a Inglaterra em 1927 com o sonho de publicar contos e romances se transformou em um jornalista literário respeitado por inúmeros intelectuais da esquerda.

Durante toda a sua vida adulta, portanto, Orwell lutou para construir um pensamento próprio, que ia contra as influências de sua classe social e o meio em que cresceu.

A primeira coisa que impressiona qualquer estudioso da obra e vida de Orwell é sua *independência*. Depois de suportar o que muitos chamam de uma educação inglesa “convencional” (“convencional” presumivelmente porque se aplica a uma porcentagem microscópica da população), ele não seguiu o tradicional caminho de uma universidade medieval; escolheu a alternativa, o serviço colonial, mas abandonou-o abruptamente. Dali por diante, ganhou a vida a seu modo e jamais teve de obedecer a patrão algum. Nunca desfrutou de uma renda estável nem jamais pôde contar com a certeza de ver seus textos publicados. Sem saber ao certo se era ou não romancista, ele contribuiu para a riqueza da ficção inglesa, mas aprendeu a concentrar-se no formato de ensaio. E assim enfrentou as

ortodoxias e os despotismos rivais da sua época munido de pouco mais do que uma máquina de escrever gasta e um personalidade pertinaz. **Impressionante nessa independência foi que ela precisou ser aprendida, adquirida, conquistada.** (HITCHENS, 2010, p. 18, grifo nosso)

As experiências e dificuldades de Orwell o tornaram uma pessoa mais consciente e com maior empatia pelos outros. Mesmo tendo que “lutar” contra seus preconceitos e a maioria de seus instintos ingleses, ele construiu para si uma carreira baseada na veracidade dos fatos e na honestidade de sua opinião. Ele, aos poucos, reconheceu as fragilidades do seu próprio país e nunca se recusou em expô-las, sem nunca perder o patriotismo que sempre lhe foi tão característico. O mesmo ocorreu com o comunismo e o socialismo; a primeira doutrina, que durante anos o representou tão bem, quando vista sua real face em tempos de guerra, foi desacreditada pelo escritor, enquanto a segunda, que não lhe era tão familiar, apareceu na mesma época em que deixou o comunismo para trás e mostrou-se uma teoria muito mais humana e igualitária, em sua opinião. Desde que deixou a Catalunha, Orwell passa a defender o socialismo democrático.

Antes de ir para Espanha, o escritor já havia se posicionado contra o imperialismo britânico e publicado na imprensa inglesa textos a favor da independência da região dominada. Mas ao voltar da guerra, Orwell percebeu como tudo aquilo que ele vivera em Barcelona não estava sendo divulgado, pelo contrário, havia sido manipulado e escondido pelos jornais de direita e pela imprensa comunista. Desde então suas críticas tornaram-se cada vez mais ácidas e direcionadas, sem temer as possíveis reações ao seu discurso, pois dizia escrever munido da verdade. O escritor teve muitos de seus artigos rejeitados ou censurados, com medo da repercussão que teriam, assim como alguns de seus romances que enfrentaram resistência das editoras para serem publicados.

Orwell sempre deixou claro seus valores morais fortes e que não os mudaria facilmente por causa de um partido político e ou qualquer outro tipo de imposição. Sua consciência, especialmente política, foi sendo moldada ao longo dos anos, e, por mais que algumas vezes parecesse nadar contra a corrente, o futuro provou que seus argumentos eram dignos de confiança. “Essa tensão criativa, combinada a uma duramente conquistada confiança em suas convicções individuais, capacitou Orwell a ser, de maneira rara, premonitório com respeito não só aos ‘ismos’ [...], mas também a muitos temas e assuntos que nos absorvem hoje” (HITCHENS, 2010, p. 20).

Admirado por grande parte da população inglesa e visto como um exemplo do verdadeiro “homem inglês”, Orwell por muitas vezes ressentiu-se com sua pátria, seja pelo tratamento indigno dado aos súditos do Império, pelo conservadorismo que apoiou o fascismo ou pela classe

trabalhadora que negou suporte aos companheiros durante a guerra civil espanhola. Sua relação com a Inglaterra foi tumultuada, muitas vezes condenando suas escolhas, principalmente políticas, outras vezes discutia sobre a decadência da língua inglesa, e quando não isso, apenas falava sobre algum assunto ameno da cultura do país. E, não importa o quão amplo seja o tema tratado, o que todos têm em comum é o senso crítico de Orwell. Sua posição presente de forma clara e sua escrita objetiva, sempre explicada de forma detalhada são características marcantes de seus textos. Ele nunca acreditou que grandes rebuscamentos na escrita pudessem levar a um melhor texto, pelo contrário, produziu ensaios onde analisou os discursos de diferentes tipos de textos, principalmente propagandas partidárias, para mostrar que quanto menos fluída é a leitura, mais fácil é a manipulação do leitor.

O estilo inflado é em si mesmo uma espécie de eufemismo. [...] A insinceridade é a grande inimiga da linguagem clara. Quando há um abismo entre nossos objetivos declarados e os reais, quase instintivamente apelamos para palavras longas e expressões gastas, como uma sépia que esguicha tinta. Em nossa época, não existe algo como 'ficar de fora da política'. Todas as questões são políticas e a própria política é uma massa de mentiras, evasivas, loucura, ódio e esquizofrenia. Quando a atmosfera geral é ruim, a linguagem sofre. (ORWELL, 2011, p. 98)

Para Orwell alcançar seu amadurecimento político, que refletiu tanto na sua redação quanto na fonte de suas ideias, muito precisou ser desconstruído em seu pensamento. Suas origens, o futuro que lhe foi traçado, os valores culturais com os quais cresceu e os que adquiriu, suas relações sociais, em especial com pessoas de outras culturas, e suas ideologias foram sendo moldadas aos poucos até se tornar o escritor que queria ser. Assim, como fala Hitchens (2010), a singularidade de Orwell, que muitos consideram tão inglês quanto o rosbife e a cerveja morna, que nasceu na Índia e publicou seus primeiros artigos em francês, é comprovada pela sua trajetória.

3 – A obra de Orwell

A carreira literária de Orwell teve início em 1932 após conhecer, através de amigos, Leonard Moore, seu agente literário durante toda a sua vida. Ele já havia feito algumas tentativas de vender seu primeiro livro, “Na Pior em Paris e em Londres” (1933), por conta própria a alguns editores, mas não obtivera sucesso. Com a ajuda de Moore, ele foi apresentado ao editor Victor Gollancz, que havia acabado de abrir seu próprio selo e estava à procura de novos escritores. Seus primeiros anos como escritor foram movimentados por suas excursões pelas classes mais baixas, além dos artigos que começara a escrever regularmente para alguns periódicos. Orwell publicou, durante a década de 1930, sete livros.

Todas as obras de ficção e não ficção estão conectadas a vida do escritor. “De fato, qualquer estudo sobre Orwell deve manter em mente o fato de que há alguma ficção em toda sua autobiografia e alguma autobiografia em toda sua ficção” (tradução nossa).¹² Fazia parte do estilo de Orwell mesclar suas próprias experiências com a trajetória de suas personagens. Por mais que ainda possamos enxergar Orwell através dos tipos que ele construiu em seus livros de ficção, isso se faz de maneira discreta, com apenas algumas características que saltam os olhos. Seu discurso descritivo e detalhado encontra-se presente em qualquer um de seus escritos, além da linguagem coloquial.

“Na Pior em Paris e em Londres” ficou pronto em 1931, mas devido às dificuldades em encontrar uma editora, o livro foi publicado apenas dois anos depois. Com um valor pequeno de adiantamento pelo trabalho, Orwell entrou em acordo com Gollancz sobre o título (ele havia intitulado de “A Scullion's Diary”) e algumas mudanças no texto, como a retirada de palavras de baixo calão. O editor ficou empolgado com esse tipo de história, sendo ele a sugerir que Orwell escrevesse sobre o norte da Inglaterra, afetado pelo desemprego e com uma situação econômica fragilizada pela depressão. “Na Pior em Paris e em Londres” recebeu críticas favoráveis, apesar das poucas vendas, e teve o texto traduzido para o francês em 1935.

“Dias na Birmânia”, publicado em 1934, é seu primeiro romance e reflete muito do pensamento de Orwell sobre os anos em que passou na Índia. O livro era um projeto antigo do escritor, que começou a resenhá-lo ainda quando estava em Paris, ficando pronto no final de 1933. A princípio, ficou decepcionado com a recusa de Gollancz em publicá-lo em razão das críticas

¹² No original: “Indeed any study of Orwell must keep in mind the fact that there is some fiction in all his autobiography and some autobiography in all of his fiction”. Disponível em: <http://www.worldsocialism.org/spgb/socialist-standard/1980s/1986/no-986-october-1986/political-ideas-george-orwell> Acesso em: 04/02/2019.

feitas ao imperialismo britânico, e realmente demorou a achar uma editora disposta a correr o risco de enfrentar possíveis processos legais pelo livro. Por fim, foi lançado nos Estados Unidos antes de chegar à Inglaterra e obteve críticas mistas nos dois países. No entanto, Orwell (2013) ficou lisonjeado em saber que R.N. Rimbault, escritor e tradutor francês responsável pela tradução de “Na Pior em Paris e em Londres”, tinha boas opiniões a respeito de seu novo livro, dada a admiração de Orwell pelo trabalho de Rimbault com a tradução das obras de William Faulkner.

No ano seguinte é publicado “A Filha do Reverendo”, seu único romance com uma protagonista feminina, Dorothy Hare, baseado no tempo em passou morando no interior e em seu tempo de trabalho na colheita de lúpulo. Muito desse livro relata os preconceitos e estereótipos da sociedade inglesa da época, além do pessimismo habitual de Orwell. Algumas mudanças tiveram que ser feitas devido ao conteúdo da história e a firmeza do texto, a pedidos do editor. “Acho que não há nada agora que possa ser objeto de uma ação por difamação. Nenhum dos personagens pretende ser o retrato de um indivíduo vivo, nem os nomes são de pessoas reais que conheço” (ORWELL, 2013, p. 82). Mesmo gostando de seus textos, Gollancz sempre foi muito específico com aquilo que estava disposto ou não a imprimir, pensando a todo o momento na repercussão que o livro poderia gerar.

“A Flor da Inglaterra”, publicada em 1936, também com Gollancz, tratava sobre as pretensões da classe média, com seu protagonista, Gordon Comstock, em constante busca de uma melhor qualidade de vida, sem nunca a alcançar. Suas preocupações são sempre as mesmas, é menosprezado, sofre com a falta de dinheiro e privacidade, frustrado com sua própria existência. “O mais próximo que Gordon chega de alguma versão de resistência ou otimismo ocorre-lhe como um inconveniente paradoxo enquanto ele tenta tornar-se um perfeito pária” (HITCHENS, 2010, p. 172).

Orwell julgava esses dois livros como os mais fracos que havia escrito e não tinha muito orgulho do resultado final, considerando-os caça-níqueis. “A vida toda Orwell não se cansou de pedir desculpas por deixar a desejar como escritor de ficção. Ao morrer, orientou seus executores testamentários para que impedisse a reedição de pelo menos dois de seus romances, *A filha do reverendo* e *A flor da Inglaterra*” (HITCHENS, 2010, p. 168, grifo do autor). A crítica não foi inteiramente favorável, em especial em relação ao primeiro, um trabalho admitidamente experimental e com o intuito de ganhar dinheiro, como Orwell (2013) confessou a amigos próximos em suas cartas. Na época em que escreveu seus primeiros romances, ele ainda estava me

busca de si mesmo, realizando suas pesquisas de campo e trabalhando temporariamente em diversas áreas.

Seu próximo livro, “O Caminho para Wigan Pier” (1937), foi o segundo de não ficção, derivado de seu tempo vagando como mendigo e trabalhador rural pelo norte da Inglaterra. Foi dividido em duas partes, a primeira sobre as experiências pessoais e os resultados das pesquisas sociológicas realizadas por ele, enquanto a segunda continha um longo ensaio sobre o socialismo, críticas ao governo britânico, e sua educação de classe média. Esse foi o primeiro contato mais sério e pessoal de Orwell com a política e com uma escrita mais conscientizada. Gollancz, na época comunista assumido, era contra a segunda parte do livro e tentou convencer Orwell de publicar somente a primeira metade. Com a recusa do escritor para cortar o ensaio e com o manuscrito já em mãos quando ele partiu para Espanha, Gollancz publicou o livro, mas escreveu ele mesmo um prefácio ponderando sobre alguns dos temas discutidos na obra.

O livro obteve boas respostas da crítica, assim como grande interesse do público. Orwell (2013) ficou contente com a introdução de Gollancz e a publicidade que as resenhas e cartas sobre seu trabalho estavam gerando. Mas um mal-entendido em relação a uma passagem do livro foi alvo de críticas e reclamações por parte de seus opositores, algumas delas escritas ainda hoje. Orwell (2013) escreveu que a classe média é levada a acreditar que as classes operárias “cheiram mal”¹³, mas foi erroneamente interpretado pelo jornal comunista “*Daily Worker*”, que afirmou em alguns artigos que o escritor havia afirmado que “as classes operárias cheiram mal”, e não que tivesse chegado a tal conclusão após observar as atitudes de uma classe perante a outra. “Era ao mesmo tempo fraqueza e força do jornalismo de Orwell seu jeito de começar um ensaio com uma afirmação atrevida destinada a atrair a atenção” (HITCHENS, 2010, p. 58).

Em 1938, lançou “Lutando na Espanha” sobre os acontecimentos na guerra civil espanhola, com o material coletado no período que passou em Barcelona servindo as fileiras do POUM. Em seu terceiro e último livro de não ficção, Orwell descreveu sua visão ao chegar à cidade, na época tomada pelo povo, e nos meses subsequentes, além das suas experiências na luta armada. Ele já esperava produzir artigos e ensaios ao ir para lá, mas, à medida que presenciou a precariedade do

¹³ “Mas havia outra dificuldade, e mais séria. E aqui chegamos ao verdadeiro segredo das distinções de classe no Ocidente — a verdadeira razão pela qual um europeu de educação burguesa, mesmo que se considere comunista, não consegue, sem muito esforço, pensar em um operário como seu igual. Resume-se em quatro palavras terríveis, que hoje as pessoas têm escrúpulos em dizer, mas que eram ditas com muita liberdade na minha infância. Essas palavras são: A classe baixa fede” (ORWELL, 2010, p. 85).

local, a fome da população, a atmosfera social e os golpes de poder, Orwell percebeu que havia muito mais a ser dito sobre aquele conflito. O modo com o que os periódicos, tanto espanhóis quanto os ingleses, tratavam os fatos o revoltava, deturpando detalhes e situações para favorecer seus interesses e os dos partidos que o apoiavam. O forte conteúdo político e contestador do texto de Orwell fez com que ele entrasse novamente em conflito com seu editor, que se recusou a publicar o livro.

A razão pela qual tão poucas pessoas entendem o que aconteceu na Espanha é o domínio comunista na imprensa. Além da própria imprensa, eles têm toda a imprensa capitalista antifascista (jornais como o *News Chronicle*) do lado deles, porque ela percebeu que o comunismo oficial é agora antirrevolucionário. O resultado é que eles conseguiram impingir uma quantidade sem precedentes de mentiras e é quase impossível fazer com que alguém publique alguma coisa em contrário. Os relatos dos tumultos de maio em Barcelona, em que tive a infelicidade de estar envolvido, batem tudo o que já vi em termos de mentira. [...] Estranhamente, ainda estou contratado para escrever uma série de livros para ele (*Gollancz*), mas ele se recusou a publicar o livro que estou fazendo sobre a Espanha, antes mesmo de que uma única palavra dele fosse escrita. (ORWELL, 2013, p. 132)

Moore o ajudou a procurar outra editora que estivesse interessada em seu novo material, publicando o livro pela Secker & Warburg. Apesar de receber algumas boas críticas, o livro não teve grande impacto na época em que foi lançado, seja por seu ponto de vista controverso ou, como Orwell mesmo apontou, pela grande diversidade de material publicada sobre o tema no período. Ele retratou os acontecimentos tal qual aconteceram, mas recebeu muita hostilidade de editores de jornais e revistas, obtendo pouca divulgação de seu trabalho. Alguns artigos sobre o assunto também foram rejeitados, até mesmo os que foram encomendados pelas publicações.

“Um Pouco de Ar, Por Favor!” foi seu último romance da década, sendo publicado em 1939. Orwell o escreveu no período em que passou no Marrocos, enquanto tentava se recuperar de uma pneumonia. Seu romance mais elogiado pela crítica até então, Orwell duelou dentro de seu personagem as próprias incertezas que havia dentro de si sobre a guerra e o nazismo, e o conseqüente futuro da nação com as catástrofes iminentes. Com um contrato assinado com Gollancz, onde o editor tinha a preferência sobre as próximas obras de ficção escritas por Orwell, foi obrigado a apresentar o trabalho primeiramente a ele, mesmo com a relação estremecida após a recusa de “Lutando na Espanha”. Após a publicação do romance, pediu para seu agente rever o documento, que o prendia por três mais livros, procurando evitar futuros desgastes para ambas as

partes. O último livro publicado pela editora de Victor Gollancz foi a coletânea de ensaios preparada por Orwell ainda em vida, “Dentro da Baleia”, em 1940. Ele ficou muito impressionado com o material e empolgado em publicá-lo, para surpresa do escritor. Além de destacar o pessimismo inerente aos textos dele, o editor concordava em grande parte com o que estava sendo dito. Alguns dos ensaios mais conhecidos dessa edição são “Um enforcamento”, “O abate de um elefante” e “Dentro da baleia”.

A eclosão da Segunda Guerra Mundial em setembro de 1939 foi um período de desesperança para Orwell. No início do conflito, não conseguiu encontrar espaço na imprensa para seus artigos em favor dos Aliados, limitando-se a escrever resenhas de livros e peças, mas a partir de 1941 tudo ficou mais fácil. Nesse período, engajado no jornalismo político, participou do programa do Serviço do Exterior da BBC, publicou ensaios importantes, como “O Leão e o Unicórnio: O socialismo e o gênio Inglês”, e artigos de opinião. De 1942 em diante, começou a trabalhar para jornais influentes, como “*The Observer*”, “*Tribune*” e “*Manchester Evening News*”. Nesses periódicos, pôde dizer o que pensava sem que houvesse censura de seus textos, e seus alvos foram muitos, desde as ideologias totalizantes e o radicalismo das utopias ao conformismo do pensamento.

Sua carreira jornalística e as experiências que viveu em função desta (expedições entre as classes trabalhadoras, participação em luta armada, cobertura de guerra) formaram o homem capaz de escrever seus dois livros mais conhecidos, os romances “A revolução dos bichos” (1945) e “1984” (1949), um, uma sátira do comunismo, e o outro, uma reflexão mais profunda das consequências da guerra no futuro. Seus dois derradeiros romances alavancaram o nome de Orwell e, finalmente, trouxeram grandes recompensas através de direitos autorais. Enquanto o primeiro enfrentou dificuldades para encontrar alguém disposto a publicá-lo, somado a escassez do papel gerada com a guerra, o segundo foi atrasado devido à saúde frágil do escritor no final de sua vida.

“A Revolução dos Bichos” foi inspirado nos eventos que ocorreram na Rússia, iniciado com a Revolução Russa de 1917 até o início da URSS na era de Stálin. O título original entregue por Orwell era “*Animal Farm: A Fairy Story*”¹⁴, e foi descrito como “uma espécie de conto de fadas, realmente uma fábula com significado político” (ORWELL, 2013, p.251). As referências ao regime de Stálin, com a ideologia do “animalismo” e a figura do porco Napoleão, que recusa

¹⁴ Revolução dos Bichos: Um Conto de Fadas (em tradução livre)

as ideias pregadas pelo líder da “revolução” após assumir o comando, eram apenas uma parte da sátira feita ao governo totalitário que o escritor tanto desprezava.

O livro ficou pronto em poucos meses, mas sua publicação foi adiada em razão da dificuldade de achar quem estivesse disposto a publicar um conteúdo abertamente anticomunista em um período de guerra onde a Inglaterra possuía aliança com a URSS. Depois de três rejeições formais, incluindo de seu editor habitual, e algumas outras feitas através de cartas pessoais de Orwell, a mesma editora que havia publicado “Lutando na Espanha” aceitou o material. Apesar da vontade de Secker e Warburg em imprimir o material, a escassez de papel na época fez com que colocassem um número de exemplares menor do que o desejado. Lançado dois dias após o fim da Segunda Guerra Mundial, o livro obteve, em sua maioria, críticas positivas. A rápida divulgação do romance entre o público deveu-se em parte ao momento político. O início da Guerra Fria entre EUA e URSS provocou interesse na alegoria criada por Orwell.

Seu livro final, “1984” começou a ser escrito em 1946, tendo sua redação definitiva sendo entregue a Moore em dezembro de 1948. A ideia para essa obra havia surgido alguns anos antes, com base nos conflitos que precederam a Segunda Guerra Mundial. Publicado pela mesma editora, ele havia se encontrado na Secker e Warburg, tanto em termos políticos quanto na autonomia que podia exercer em seus textos. Bem recebido pela crítica e público, o livro foi um dos maiores sucessos de Orwell.

*1984 é a única contribuição inglesa à literatura do século XX sobre o totalitarismo [...]. É uma síntese do que Orwell aprendeu sobre terror e conformismo na Espanha, do que aprendeu sobre subserviência e sadismo na escola e na polícia birmanesa, do que descobriu sobre miséria e degradação em *O Caminha para Wigan Pier*, do que aprendeu sobre propaganda e falsidade em décadas de batalhas polêmicas. Não contém absolutamente nenhum gracejo. É a primeira e única vez em que seus esforços como romancista ascendem ao nível de seus ensaios. (HITCHENS, 2010, p. 184)*

A escrita jornalística sempre foi marcante nas obras de Orwell. Com um estilo próprio que inspira muitos escritores e jornalistas até hoje, seu discurso direto, linguagem simples e franca estão entrelaçados com o pessimismo e brutalidade de seu texto. O amadurecimento na escrita é reflexo da luta constante para expor os princípios que seguia e o direito de falar em favor deles. “A importância de Orwell para o século encerrado há pouco e, portanto, seu status como personalidade da história e da literatura derivam da extraordinária proeminência dos temas que ele ‘enfrentou’, manteve e nunca abandonou” (HITCHENS, 2010, p. 15).

4 – George Orwell em tempos de guerra

Dentre os 100 artigos publicados por Orwell no período em que escreveu para o jornal britânico “*The Observer*”, 59 estão disponíveis no livro “Literatura e Política: Jornalismo em Tempos de Guerra”, material base da pesquisa. Mesmo tendo produzido grande número de textos jornalísticos durante a década de 1940, em revistas, periódicos e publicações especiais, a análise será provada com argumentos de que as intenções e a forma de escrita de Orwell são lineares o suficiente para ater-se a uma amostragem de dados desse porte com a mesma conclusão.

Por meio de sua obra, George Orwell desvelou um território mental que sempre soubera existir, mas que jamais se imaginou residir no contexto da política. Um território mental escondido pela neblina das ideologias totalizantes, pela obtusidade das utopias transformadoras e pelo conformismo da mecanização do homem e do pensamento – mas iluminado pela arte em forma de literatura. (ITUASSU in ORWELL, 2006, p.10)

A análise a ser feita neste trabalho irá levar em conta os argumentos de Orwell em seus julgamentos contra os governos totalitários, assim como seu estilo jornalístico e sua habilidade de usar as palavras a seu favor. Os pontos positivos e negativos feitos por admiradores e opositores farão parte da crítica, bem como uma avaliação da relevância da obra do autor no seu tempo e a sua perpetuação na história. Muito embora sua carreira no jornalismo nem sempre seja lembrada por seus admiradores, foi percorrido um longo caminho até alcançar o nível técnico de escrita que possuía, bem como sua postura política firme diante dos acontecimentos ao redor do mundo.

Os artigos foram divididos em sete subcapítulos para uma verificação mais específica de cada tema abordado por Orwell no livro, sendo o primeiro deles apenas uma introdução ao contexto do momento em que o autor produziu esses textos. No total são oito subdivisões, cada uma nomeada com o título de um dos textos presentes na avaliação.

Começando com a Índia, Orwell debate a independência do país em dois artigos presentes no livro. Seguido pelas suas opiniões acerca do governo espanhol, ele debate em três textos o poder do General Franco desde sua tomada ao poder até o fim da Segunda Guerra Mundial.

Passamos para suas críticas à Inglaterra, onde nunca deixou de dizer o que pensava sobre a política interna e externa, economia e seu sentimento em relação a sociedade britânica. Em sete artigos apresenta sua visão pessoal do clima de durante e após a guerra. Os dois subcapítulos que seguem são também sobre o clima deixado pelo início do pós-guerra, mas na Alemanha e França.

São nove textos sobre cada país, ambos visitados por Orwell entre 1944 e 45 pelo jornal “*The Observer*”, descrevendo o sentimento da população e o cenário de época.

Ainda sobre a Segunda Guerra, Orwell tem muito a dizer sobre os governos totalitários que dominaram países e arrastaram seguidores no mundo todo. Nos oito artigos ele compara e analisa os governos e o fortalecimento de uns em face do desaparecimento de outros.

No final, estão as críticas literárias que o autor escreveu para o jornal em ocasião do lançamento de alguns livros, com temas como literatura e industrialização. Esses textos foram produzidos especialmente durante seus últimos anos de vida, onde passou muitos meses em um hospital tratando uma pneumonia. No oitavo subcapítulo estarão 21 das 35 resenhas encontradas no livro, as outras foram alocadas nos demais assuntos.

4.1 – *The Observer*

George Orwell foi dono de uma produção jornalística invejável, com artigos e resenhas publicados em diversos jornais proeminentes de sua época, mas sua carreira no jornalismo ainda é ofuscada pelos seus romances. Seus livros de não ficção, por mais que tivessem a apuração característica do seu trabalho jornalístico, nem sempre alcançavam o nível técnico e ao mesmo tempo prosaico que seus artigos mais célebres apresentavam.

Seu período mais fértil nessa área foi na década de 1940, durante a Segunda Guerra Mundial e o pós-guerra. Engajado mais do que nunca na política interna da Inglaterra e no contexto internacional, Orwell produziu inúmeros materiais com denúncias, críticas e soluções, principalmente sobre o crescimento e expansão das ideologias totalitárias no continente europeu. Obstinado e incansável são dois adjetivos que se encaixam com a personalidade do escritor, que, mesmo com todas as dificuldades pessoais e os obstáculos que agentes de governo, editores e críticos tentaram impor para aos seus textos, nunca se deixou abater com contratempos.

O livro “Literatura e Política: Jornalismo em Tempos de Guerra” abrange grande parte dos artigos publicados por Orwell no jornal inglês “*The Observer*” entre os anos de 1942 e 1948 e seu conteúdo será analisado neste capítulo. Nessa época, o jornal passava por uma reforma interna, abandonando o conservadorismo do antigo editor, James Louis Garvin, e adotando o liberalismo apartidário de David Astor. Os textos que, de uma forma ou outra, fizeram uma avaliação da situação política sob o olhar de Orwell e que, graças a amizade com o editor e proprietário do

periódico, Astor, pôde escrever sem restrições sobre os assuntos que lhe agradava. Seu caráter e decência moral eram marcas registradas, admiradas até mesmo por rivais, que faziam dele o homem ideal para inaugurar a nova coluna criada por Astor, especialmente ao ver o tema escolhido para a estreia: a independência da Índia.

Orwell sempre deixou claro que, após sua participação na guerra civil espanhola e os acontecimentos que presenciou, acordou para a política e reviu suas percepções da esquerda comunista. Junto com essa ideologia, outras se revelaram falsas para ele, sendo baseadas somente em medo e propaganda. Os ataques ao imperialismo e comunismo foram sempre os mais difíceis de vender, uma vez que muitos ou não compartilhavam as ideias ou temiam ações judiciais, enquanto suas palavras sobre o capitalismo e o socialismo eram postas a prova por adversários que indagavam sobre suas origens e estilo de vida.

A despeito dos ataques que recebia, Orwell sempre buscava manter-se informado sobre os eventos políticos recentes para além daquilo que era publicado nos jornais e revistas de grande circulação de cada país, procurando publicações não patrocinadas por corporações. Seu interesse em checar a veracidade dos fatos era reflexo da ignorância de sua juventude. Em um período histórico tão delicado, nenhum tema podia ser evitado.

O primeiro artigo a sair no “*The Observer*” custou milhares de leitores e marcou o início de trocas de cartas, tanto no âmbito pessoal quanto público, sobre o conteúdo e opiniões proferidos por Orwell em suas resenhas. Seu tom desafiador provocava seus adversários a “responder” às acusações ou provocá-lo com outros argumentos.

4.2 - A vez da Índia

O tema de estreia da coluna de Orwell, em fevereiro de 1942, foi a Índia e seu papel na II Guerra Mundial. Ele sempre defendeu a independência da colônia e o avanço japonês no continente asiático era, para ele, o impulso que faltava para novas políticas na região. O antagonismo em relação à Inglaterra vinha crescendo há tempos, e o clamor de “Ásia para asiáticos” chamava atenção de um povo subjugado.

É evidente que precisamos conquistar o entusiasmo do povo indiano; sua obediência passiva não é suficiente. E o único meio seguro para despertar esse entusiasmo é convencê-los de que a independência da Índia é possível se a Inglaterra vencer a guerra e impossível se o Japão a vencer. Isso não se faz com promessas nem com frases de efeito sobre liberdade e democracia; faz-se com

gestos concretos e inequívocos de generosidade, com a cessão de algo que mais tarde não seja tomado de volta. (ORWELL, 2006, p. 20)

Neste artigo, ele aproveitou para deixar claro tanto sua posição contra o avanço fascista quanto sua recorrente ideia de liberdade para a Índia. Seu posicionamento contra o imperialismo britânico veio antes mesmo de sua posição política estar completamente formada, se algum dia o foi, após seus anos trabalhando na colônia. Orwell expôs a solução, ao seu ver, de como resolver a questão asiática de forma rápida e benéfica para todos.

Ao longo de todos os textos do livro, a guerra acabou se tornando um facilitador para colocar em prática todas as mudanças que ele acreditava serem necessárias para uma comunidade mundial mais igualitária. Isso porque os povos estavam muito mais suscetíveis a fazer concessões que não os agradava, mas que os governos traziam como medidas essenciais para os esforços de guerra. Para Orwell, o momento era não só de buscar um fim para o conflito, mas também um fim para injustiças sociais.

4.3 Espanha oculta

Dentre todas as experiências que moldaram o pensamento de Orwell, a Espanha foi a mais significativa. Como das outras vezes, ele imergiu sem ressalvas no conflito e aprendeu muito com as pessoas ao seu redor. Ali, viu a verdade, segundo ele, sobre o comunismo e conheceu outras formas de ver a política.

Nos artigos escritos para o jornal, Orwell relembra a guerra já com o distanciamento de alguns anos, com opiniões ainda mais fortes sobre os acontecimentos, além de ponderar sobre as consequências para a população espanhola. Sua maior crítica, no entanto, foi o isolamento imposto ao país. A maioria das nações que poderiam refrear o avanço franquista, a Inglaterra entre elas, escolheram fechar os olhos para o que estava acontecendo a fim de evitar o surgimento de um outro conflito de grande escala.

Essa é uma história repulsiva, devido ao sórdido comportamento das grandes potências e à indiferença do mundo em geral. Os alemães e os italianos intervieram a fim de esmagar a democracia espanhola, ocupar um ponto estratégico para a guerra que se aproxima e, incidentalmente, estar seus bombardeios em populações desamparadas.

Os russos distribuíram uma pequena quantidade de armas e, em troca, extorquiram o máximo de controle político. Os ingleses e franceses simplesmente fizeram vista grossa, à medida que seus inimigos triunfavam e seus amigos eram

destruídos. A reação inglesa é a mais imperdoável, porque foi igualmente estúpida e desonrosa. (ORWELL, 2006, p. 40)

Após a vitória de Franco, pouco era falado sobre a situação interna da Espanha. Sabiam que havia fome, epidemias e grande número de pessoas encarceradas, fora isso podiam contar somente com relatos de pessoas que testemunharam as ações do governo.

4.4 - O espírito da época

A Segunda Guerra Mundial, precedida pelo conturbado período do entreguerras, trouxe grande desalento para os britânicos. Pessimismo e um anseio por uma liderança política forte e objetivos de guerra mais definidos eram sentimentos latentes da nação. “Talvez se possa apontar, com o intuito de resumir em uma única frase o sentimento prevalecente, a seguinte declaração: ‘Que se garanta a democracia’” (ORWELL, 2006, p. 23). Dentre os erros e acertos do governo durante esse período, segundo a opinião de Orwell, a Inglaterra conseguiu assegurar seu Estado democrático.

A consciência política expandiu-se grandemente durante a guerra, enquanto a confiança na liderança existente encolheu. A crença de que uma reconstrução planejada é possível aumentou, enquanto a de que ela é *provável* nada avançou. Há um hiato entre líderes e liderados, e a fatídica palavra ‘eles’ exaure a confiança e encoraja o individualismo anárquico. É importante que este hiato seja superado antes do final da guerra. Pois, como os pesquisadores apontam, será necessário um esforço tão grande para garantir a paz quanto para vencer a guerra, e as pessoas podem acovardar-se diante disso, a menos que tenham uma noção mais exata que a atual sobre seu próprio destino. (ORWELL, 2006, p. 38, grifo do autor)

Suas críticas à política, economia ou à sociedade inglesa nem sempre foram as mais agradáveis, mas Orwell era fiel a suas ideologias. “Conheço o suficiente do imperialismo britânico para não gostar dele, mas o apoiaria contra o nazismo ou imperialismo japonês, por ser um mal menor” (ORWELL, 2010, p. 256).

Em uma relação de amor e ódio à pátria, o autor conhecido por sua “capacidade de enfrentar”, era ao mesmo tempo um típico inglês e um nome a ser barrado e censurado, sem seu conhecimento. No Ministério das Relações Exteriores, ainda existe um dossiê sigiloso, em uma seção confidencial, que liberou uma parte dos documentos somente em 1980.

Em suas resenhas para o jornal, Orwell percebia a falta de compreensão que os autores ingleses tinham com os problemas do seu tempo, sempre sugerindo as mesmas antiquadas

soluções. Ele não fazia distinções ao criticar escritores de esquerda ou direita, liberais ou conservadores, comunistas ou socialistas, o que gerou grande parte de seus desafetos na esquerda. Seu raciocínio era que não achava necessário ser inimigo de uma ou outra ideologia para falar o que de fato pensava dela.

Eles querem mais caridade, mas não mais justiça - uma redistribuição de renda, por exemplo, mas não uma redistribuição de propriedade. Em outras palavras, querem um mundo melhor com as mesmas pessoas no poder. No entanto, lamentavelmente, o mundo é o que é porque essas pessoas estão no poder(...) (ORWELL, 2006, p. 136)

O capitalismo leva às filas de auxílio-desemprego, à volúpia por mercados e à guerra. O coletivismo leva aos campos de concentração, ao culto aos líderes e à guerra. Para isso, não há saída, a não ser que uma economia planejada possa ser, de algum modo, combinada com a liberdade de pensamento, o que somente ocorrerá se os conceitos de certo e errados forem restaurados na política. (ORWELL, 2006, p. 148)

Orwell acreditava em novos sistemas de pensamento, e via no fracasso de algumas das teorias surgidas no século XX uma forma de aprendizado para a criação de novas ideias. Vendo tantos autores recorrerem a noções ultrapassadas era simplesmente frustrante. Após a Guerra Civil Espanhola, ele tentou mostrar os lados bons e ruins de todos os sistemas políticos e econômicos que estavam surgindo através de seus artigos, mas muitas vezes suas palavras eram barradas por defensores de uma ou outra ideologia. No *The Observer* foi onde mais conseguiu espaço para externalizar seu pensamento.

4.5 - A França não é só Paris

Orwell acompanhou os efeitos finais da guerra e da desocupação do território francês de perto, perambulando por grandes e pequenas cidades. O desejo dos franceses era, ao mesmo tempo, garantir a punição dos responsáveis e retomar a vida pré-guerra. A “purgação” dos culpados era acompanhada por todos, e não necessariamente reacionários ou comunistas, mas também pessoas com antecedentes liberais ou apolíticos. Na mesma medida, o tédio formava longas filas nos cinemas. “Não importa com quem se converse neste país, logo há o confronto com um mesmo fato - os ingleses não sabem o que significa ter o país ocupado” (ORWELL, 2006, p. 51).

A França, um país de tradição, com territórios ultramarinos até os dias atuais e histórico de resistência a favor da liberdade, se encontrou em uma situação de domínio nunca antes experimentada. A sensação de derrota após a rendição do governo pesou sobre a nação. Orwell

teve dúvidas sobre De Gaulle, chegando a referir-se a ele como “pequeno fuhrer” (Orwell, 2013), mas admitiu que, no final das contas, era preciso extrair o melhor que podiam dele, sendo a única figura que tinham para representar os franceses livres. (Orwell, 2013).

Após o anúncio da rendição alemã e fim oficial da guerra, os franceses respiraram aliviados e voltaram suas atenções a reconstrução da vida política e social do país. Procuravam reconquistar a grandeza de antes, focando em assuntos internos. A punição dos culpados já não era tão feroz e a reafirmação do domínio sobre o império francês era importante.

(...) é incerto que as massas francesas queiram, como os comunistas exigem, uma perseguição total e vingativa aos colaboracionistas. Certamente estão desejosas de que os grandes culpados não escapem, mas parece haver uma certa inquietação acerca dos aspectos morais da purgação que, se levada adiante de um modo enérgico, seria muito frequentemente a punição do culpado pelo culpado. (ORWELL, 2006, p. 82)

O pacifismo presente na França pré-guerra havia voltado e a população ansiava mais por segurança do que por uma revolução.

Antes de mais nada, todos concordam que a França está muito mais interessada em assuntos internos que na guerra. Seu principal ato de guerra foi a Resistência, que envolveu apenas uma minoria, e mesmo agora o número de pessoas diretamente engajado no esforço de guerra é pequeno quando comparado com a Inglaterra. Todos desejam que a França seja forte, tenho um exército poderoso e reapareça como uma grande potência, mas o dia-a-dia da guerra não é interessante.

(...)

Temas internacionais não despertam paixões como ocorre na Inglaterra. (...) O francês médio está antes de mais nada, interessado na França, e, embora ele queira certas reformas políticas, o que quer acima de tudo é voltar ao normal, com comida suficiente e melhores condições de lazer. (ORWELL, 2006, p. 80)

Orwell acreditava em um processo de recuperação no pós-guerra planejado, com a criação de planos para a retomada política e econômica dos países. A França, talvez pelos anos de ocupação alemã, estava caminhando mais lentamente para voltar à antiga democracia. No livro de Louis Lévy, resenhado para o jornal, o autor afirmou que os franceses, acima de tudo, temem ditaduras militares e militares na política (Orwell, 2006). Por mais que ele, e muitos outros, acreditassem que, após a guerra, um governo de esquerda, em particular socialista, fosse formado, o importante para Orwell era a liberdade de escolha do povo.

4.6 - O futuro de uma Alemanha arruinada

Orwell visitou diversas cidades alemãs, na maioria das vezes acompanhado de tropas do exército aliado, e campos de refugiados para melhor entender a situação das pessoas e dos locais que haviam sido derrotados. O cenário encontrado por ele foi pior do que imaginava e achava importante passar aos leitores britânicos tudo o que viu, uma vez que as notícias que chegavam até lá não faziam jus à realidade.

Mesmo na Inglaterra, estamos cientes de que precisamos de três milhões de casas e que as chances de obtê-las num tempo mensurável parecem remotas. Mas quantas casas precisarão a Alemanha, a Polônia, a URSS e a Itália? Quando se pensa na espantosa tarefa de reconstruir Colônia, Essen, Hamburgo, Varsóvia, Budapeste, Cracóvia, Odessa, Leningrado e tantas outras cidades europeias, grandes e pequenas - e reconstruí-las ao final de seis anos, durante os quais toda mão-de-obra disponível foi dissipada na produção de guerra - percebe-se que deverá transcorrer um longo período antes que os padrões de vida até mesmo de 1939 possam ser restabelecidos. (ORWELL, 2006, p. 66)

A escassez de alimentos era uma grande preocupação, bem como as divergências que aos poucos foram surgindo entre os países vitoriosos sobre o que fazer com as zonas de ocupação. “No momento, a ideia mais difundida é a de que a Rússia, a França e a Anglo-América estão mais ou menos hostis umas às outras e defendem políticas muito distintas” (ORWELL, 2006, p. 78). Os refugiados também entraram na disputa, dado que os procedimentos sobre repatriação não eram claros.

Milhares de soldados do exército nazista e prisioneiros das mais diversas nacionalidades conviveram juntos até que pudessem ser repatriados ou julgados pelos seus atos. “Estima-se que o número de pessoas desarraigadas chegue a 4,5 milhões somente na Alemanha” (ORWELL, 2006, p. 96).

No princípio, a maioria dos refugiados acolheu seus libertadores com enorme entusiasmo, mas isso foi, de certa forma, refreado pelas inevitáveis demoras na repatriação e pela crescente escassez de comida. Desde o início, todos foram advertidos quanto ao abastecimento de gêneros alimentícios: primeiro servia-se o Exército, depois os refugiados e, por fim, os alemães; mas, na prática, é impossível deixar os alemães morrerem de fome e, em algumas áreas, chegou-se ao ponto em que é necessário reduzir a ração dos refugiados a fim de manter a dos alemães num nível de subsistência. (ORWELL, 2006, p. 97)

A tensão crescente entre Inglaterra e os EUA e a URSS não facilitava o planejamento de esforços pós-guerra. Com objetivos distintos, os países começaram a cuidar de suas zonas ocupadas de forma mais independente e diminuíram o diálogo entre eles. A falta de informação sobre o que acontecia no lado russo era inquietante, visto que a qualquer sinal de insatisfação

relatos de melhores condições do outro lado começavam a surgir. “E algumas perigosas ilusões - por exemplo, a ideia disseminada de que a URSS e as potências ocidentais entrarão em guerra num futuro próximo - propagaram-se e as mais altas autoridades precisam contestá-las” (ORWELL, 2006, p. 94)

Orwell não via nenhum benefício em atitudes como essas, ele prezava por planejamento e colaboração. Ele detestava brigas de poder focadas em interesses pessoais, que deixavam de lado os problemas reais da política, e já tinha visto o suficiente para saber que as consequências dessas atitudes.

(...) dificilmente chegaremos a um bom entendimento com os russos a menos que tenhamos a ousadia de aceitar seu desafio. A fragmentária ocupação da Alemanha e da Áustria é, atualmente, tão cansativa e insatisfatória para eles quanto para nós. A eles, no entanto, resta a esperança de expulsar-nos completamente desses territórios, caso façam franca oposição política aos fracos e desunidos. Por outro lado, caso a Anglo-América também formule um plano, e um plano viável, o ânimo russo pode mudar e será possível estabelecer uma política comum sem a qual esse enorme problema dificilmente será solucionado. (ORWELL, 2006, p. 95)

A preocupação com o início de uma nova guerra subsequente ao término de outra era real para Orwell. Vale ressaltar a fama que ele conquistou, postumamente, de acertar algumas predições sobre acontecimentos que vieram a se tornar realidade. O contexto do futuro distópico em que “1984” é baseado, onde três grandes potências mundiais vivem em guerra umas com as outras e desfazem alianças com a mesma rapidez com que as fazem, pode ser comparado com o período da Guerra Fria. O termo “guerra fria”¹⁵ teria sido cunhado por ele no ensaio “*You and the atom bomb*”, de 1945, onde ele alertava para os perigos de armas nucleares e sua utilização, uma vez que o poder de decisão se encontrava nas mãos de uma pequena elite.

4.7 - À beira do abismo

Orwell testemunhou diferentes tipos de sistemas políticos e econômicos. Suas experiências prévias, em particular com o comunismo, o fizeram perceber que nenhum deles é perfeito e todos são corruptíveis diante do poder. Declarava-se social-democrata, mas seu desconforto em aceitar

¹⁵ “A teoria de James Burnham foi muito debatida, mas poucos até agora refletiram sobre suas implicações ideológicas: ou seja, o tipo de visão de mundo, o tipo de convicções e de estrutura social que provavelmente prevaleceriam em um Estado que ao mesmo tempo que fosse inconquistável e estivesse em uma permanente ‘**guerra fria**’ contra seus vizinhos”. (ORWELL, 1945, grifo nosso)

apenas um tipo de pensamento era evidente quando os ataques que fazia ao socialismo saíam na imprensa.

No tempo em que passou como correspondente pelo *The Observer* pôde observar o efeito devastador da guerra. Tal fato serviu apenas para corroborar sua postura em relação aos regimes responsáveis por iniciar esses conflitos. Ele era enfático ao dizer que as elites, não importava quais fossem, governavam apenas para elas mesmas, e por mais que ideologias como o comunismo e o socialismo pregassem conceitos de coletivização e igualdade, uma vez no poder, seus regimentos iriam mudar. “Como Marx adequadamente assinalou, o homem rico não somente se apegará ao seu patrimônio, mas constituirá filosofias que justifiquem sua atitude” (ORWELL, 2006, p. 32).

“Há nos escritos de Orwell, com razoável grau de certeza, uma percepção dividida de que as duas coisas que ele mais prezava, isto é, a liberdade e a igualdade, não eram aliadas naturais” (HITCHENS, 2010, p. 85). Ele percebeu que esses dois conceitos eram incapazes de existir em somente uma corrente ideológica, e que para atingir uma sociedade verdadeiramente sem hierarquias era preciso fugir de qualquer tipo de política totalizante.

Todos os aspectos dos regimes totalitários o revoltava, mas o que ele não conseguia compreender era a complacência das pessoas.

No caos em que vivemos, mesmo as razões prudentes a favor da decência comum estão sendo esquecidas. A política, interna e externa, talvez não seja mais imoral do que sempre foi, mas o que é novo é a crescente submissão das pessoas comuns às doutrinas de conveniência, a insensibilidade da opinião pública em face aos crimes e sofrimentos mais atrozes, e a memória cega que permite que assassinos maculados pelo sangue se transformem, da noite para o dia, em benfeitores públicos, caso assim exija a ‘necessidade militar’. Igualmente nova é a dúvida colocada pelos vários sistemas totalitários sobre a própria existência da verdade objetiva, e a conseqüente falsificação da história em larga escala. (ORWELL, 2006, p. 140)

O socialismo, do ponto de vista de Orwell, continha tendências burocráticas e autoritárias com as quais não concordava. Para ele, o desejo de um verdadeiro socialista deveria ser ver a tirania ser removida do poder. Em seu ensaio “*Why I write*”, Orwell (1946) afirmou que tudo que escreveu desde 1936, direta ou indiretamente, era contra o totalitarismo e a favor do socialismo democrático, da forma que era entendido por ele. Orwell era, acima de tudo, um liberal e não se conformava com a submissão dos povos a um governo autoritário que baseia seu domínio em medo e propaganda.

4.8 - Como ia dizendo

Nos seus últimos anos, Orwell passou boa parte do tempo hospitalizado, dedicando-se à finalização de “1984” e às resenhas de novos livros para o jornal. Muito embora sua carreira no jornalismo nem sempre seja lembrada, foi percorrido um longo caminho até alcançar o nível técnico de escrita que possuía. Ele resenhou livros dos mais diferentes gêneros, como biografias, ensaios e contos. Sem poupar críticas a nomes desconhecidos ou célebres, ele discutiu os mais variados assuntos, desde mecanização e desenvolvimento industrial chinês à estrutura social de espécies de formigas.

Apesar de o pessimismo ser um sentimento familiar para Orwell, na escrita e na vida pessoal, sua inquietação com o futuro das sociedades tornou seu pensamento um pouco mais catastrófico. A divisão textual dos materiais de Orwell era bem marcada por uma introdução na qual expõe o tema que será tratado, o porquê esse assunto está sendo abordado e uma solução. Orwell gostava de oferecer soluções para os problemas por ele destacados em todos os seus textos e os descrevia com tanta firmeza que parecia ter o poder de convencer a quem fosse que algo de melhor realmente poderia ser alcançado a partir dali.

Comentários sarcásticos apareceriam para demonstrar a exaustão do autor com a repetição de ideias ou pensamentos retrógrados. Os trechos abaixo mostram tanto o humor impaciente de Orwell quanto a atualidade dos temas retratados. Em uma passagem, ele afirmou: “é espantoso que se afirme, em pleno ano de 1944, que ‘o mundo agora é uno’. Poder-se-ia dizer também que o mundo agora é plano” (ORWELL, 2006, p. 157)

Podemos ter certeza de que, enquanto Noé construía sua arca, alguém escrevia um livro intitulado *This Changing World* [Um mundo em transformação], e, embora o manuscrito tenha desaparecido no Dilúvio, é possível imaginar como ele era. Apontava, com aprovação, as recentes descobertas científicas, denunciava a superstição e o obscurantismo, instava pela necessidade de uma reforma radical da educação e mais igualdade entre os sexos e, provavelmente, tinha um capítulo sobre o significado da poesia moderna. Sua tese central era a de que nada é permanente, mas que tudo é para o melhor. As frases “este é um período de transição” e “vivemos em meio a mudanças velozes e alarmantes” apareciam em praticamente em todas as páginas, e talvez o autor se lembrasse delas com certa amargura à medida que submergia nas águas escuras. (ORWELL, 2006, p. 152)

Sua linguagem clara e simples não dá espaço para floreios, e tudo que tem que ser dito sobre os livros é posto no papel. Críticas aos livros de autores como T.S. Eliot, H.G. Wells e Honoré de Balzac não foram mais sutis do que qualquer outra. Suas palavras em relação ao livro de Wells:

Talvez seja desnecessário acrescentar que, embora incoerente e - em alguns momentos - enfadonhos, este livro contém algumas passagens brilhantes e imaginativas. É isso que se espera de Wells. Possivelmente mais do que qualquer outro escritor, foi ele quem modificou a paisagem da mente contemporânea. Por sua causa, a lua parece mais próxima, e a Idade das Pedras mais imaginável, e por isso seremos eternamente gratos. Portanto, talvez possamos desculpar alguns livros de recortes, mesmo a 42 xelins o exemplar, do autor de *A Máquina do Tempo*, *A Ilha do Dr. Moreau*, *Love and Mr. Lewisham*, e uma dúzia de outros. (ORWELL, 2006, p. 158)

Orwell foi um jornalista imparcial durante toda sua carreira, mesmo durante eventos importantes em que muitos colegas usaram sua influência para direcionar leitores. Como bom jornalista, ele escolheu a verdade perante às dificuldades.

5- Conclusão

Até alcançar a fama mundial e duradoura com os romances “A Revolução dos Bichos” e “1984”, Orwell publica um grande número de artigos, resenhas, críticas e ensaios, em sua maioria de cunho político, defendendo de forma simples e honesta seu ponto de vista. Mesmo com a fama de famoso escritor, Orwell é também reconhecido por sua ética como jornalista. Alguns dos assuntos abordados por ele não foram somente importantes à época em que foram publicados, mas aplicam-se a realidade de hoje, com críticas incisivas ao governo, ideologias políticas e a guerra.

Unindo dados biográficos e escritos jornalísticos, foi possível observar nesta pesquisa como uma das pessoas mais importantes da literatura britânica do século XX se posicionou também dentro do campo da política e da imprensa. A partir de suas principais matérias, pode-se observar a relação de George Orwell com o pensamento político e social que abraçou. A identificação de Orwell com os pontos de vista dos sociais democratas e suas ideias mostrou sua tentativa de seus leitores, e por que não toda a população inglesa, contra o totalitarismo.

Sua ótica para o que era certo muitas vezes diferia do que o senso comum da época apoiava, o que fez com que Orwell se esforçasse ainda mais para conseguir a visibilidade necessária para ter sua voz ouvida pela multidão. Para isso, valorizava a linguagem clara e direta, com uma verificação de fatos honesta, ressaltando a importância do comprometimento dos jornalistas com a verdade. A decência era algo muito defendido por Orwell, um jornalista que não fica calado diante do sofrimento alheio nem forja fatos para favorecer sua ideologia.

Diante desse panorama mostrando toda a jornada do escritor, percebe-se que a complexidade de sua obra e de sua personalidade singular da história literária e política não entendida fazendo uma análise de apenas um de seus elementos formadores. A pesquisa da personalidade e da atuação jornalística de Orwell não estaria, evidentemente, consumada apenas com este trabalho; trata-se de um viés que merece receber maior atenção e maiores desdobramentos. Um caminho a se seguir desse estudo então, seria analisar a relação de Orwell com a imprensa da época e sua opinião sobre esta, uma vez que ele tem diversos ensaios e artigos em que faz críticas severas à parcialidade dos periódicos, muitas vezes controlados por grandes corporações capitalistas, e ao empobrecimento da língua escrita em todo o continente europeu.

Neste trabalho temos, portanto, a descrição de Orwell como um ser em constante luta para se manter fiel à verdade, um jornalista que aos poucos se tornou um romancista respeitado e um ensaísta elogiado. Sua contribuição para o mundo literário e jornalístico é imensurável, além de

refletir sobre os males que aconteceram em sua época, Orwell é um autor essencial para a formação de qualquer jornalista atual.

Discutir o aprimoramento tanto da escrita jornalística de Orwell quanto de sua compreensão sobre a política nacional e mundial da época se faz ainda atual. Assim, busquei mostrar a relevância de sua obra não-ficcional e sua atemporalidade, além do legado que seu trabalho como jornalista criou.

6 - Bibliografia

- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FOCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- HITCHENS, Christopher. **A Vitória de Orwell**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ORWELL, George. **Como Morrem os Pobres e Outros Ensaio**s. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ORWELL, George. **Dentro da Baleia e Outros Ensaio**s. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ORWELL, George. **Literatura e Política: jornalismo em tempos de guerra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ORWELL, George. **Lutando na Espanha: Homenagem à Catalunha, Recordando a Guerra Civil e outros escritos**. São Paulo: Editora Globo, 2006.
- ORWELL, George. **Na Pior em Paris e em Londres**. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2005.
- ORWELL, George. **Uma Vida em Cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- SILVA, M. C. **O Último Homem da Europa: a luta pela memória no universo não ficcional da obra de George Orwell, 1937 – 1949**. 2010. 275f. Tese de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- TREVAS, L. L. **Espírito de Cristal: um estudo sobre *Homage to Catalonia*, de George Orwell**. 2014. 173f. Tese de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: De Coleridge a Orwell**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.